

REFLEXÕES SOBRE PERTENCIMENTO, DOR E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR



REFLECTIONS ON BELONGING, PAIN AND RESISTANCE IN THE SCHOOL SPACE

EDER JULIO MINEIRO

Graduação em Artes Visuais pela Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL) (2013), Graduação em História pela Universidade Cidade Verde (UNICV) (2023). Professor de Ensino Fundamental II – História na EMEF Professor Mailson Delane.

RESUMO

O presente artigo discute a metáfora do “chá revelação negro na sala dos professores”, compreendida como um convite simbólico, político e pedagógico à valorização e ao reconhecimento da identidade negra nos espaços escolares. Em um país historicamente marcado pelo racismo estrutural, pela escravidão e pelas políticas de embranquecimento, a construção de um ambiente escolar antirracista exige enfrentar o silenciamento e o apagamento cultural, instaurando processos coletivos de autoconhecimento e autocuidado entre docentes afrodescendentes, que carregam tanto a resistência de seus ancestrais quanto as marcas da exclusão social. O fortalecimento da identidade negra, portanto, não se dá de forma pacífica ou espontânea, pois é atravessado por contradições históricas, memórias dolorosas e práticas discriminatórias ainda presentes no cotidiano escolar. Exemplos dessa invisibilização podem ser observados em bairros de São Paulo, como Liberdade, Bexiga, Barra Funda, Higienópolis e a região do Parque Dom Pedro, cujas origens negras foram sistematicamente ocultadas ou ressignificadas por narrativas urbanísticas elitistas. Ao mesmo tempo, reafirma-se a centralidade da África na história da humanidade, reconhecendo o continente como berço da civilização e da tecnologia que garantiu a sobrevivência humana, mas que foi por séculos reduzido a estereótipos de atraso e subalternidade. Resgatar essa narrativa é fundamental não apenas para reconstruir a autoestima e o pertencimento da população afrodescendente, mas também para

descolonizar o currículo e democratizar o conhecimento histórico. Assim, a escola deve ser compreendida como espaço de resistência, memória e reinvenção, onde educadores assumem a responsabilidade de promover experiências pedagógicas capazes de transmitir dignidade, beleza e potência da herança negra, transformando salas de aula e salas de professores em territórios de afirmação identitária e em caminho para a construção de um projeto educativo verdadeiramente plural, antirracista e emancipador.

Palavras-chave: Identidade negra; Racismo estrutural; Educação antirracista; Memória social; Descolonização do currículo

ABSTRACT

This article discusses the metaphor of the "Black gender reveal party in the teachers' lounge," understood as a symbolic, political, and pedagogical invitation to value and recognize Black identity in schools. In a country historically marked by structural racism, slavery, and whitewashing policies, building an anti-racist school environment requires confronting silencing and cultural erasure, establishing collective processes of self-knowledge and self-care among Afro-descendant teachers, who carry both the resistance of their ancestors and the scars of social exclusion. The strengthening of Black identity, therefore, does not occur peacefully or spontaneously, as it is permeated by historical contradictions, painful memories, and discriminatory practices still present in everyday school life. Examples of this invisibility can be observed in São Paulo neighborhoods such as Liberdade, Bexiga, Barra Funda, Higienópolis, and the Parque Dom Pedro region, whose Black origins have been systematically hidden or reinterpreted by elitist urban narratives. At the same time, the centrality of Africa in human history is reaffirmed, recognizing the continent as the cradle of civilization and technology that ensured human survival, but which for centuries was reduced to stereotypes of backwardness and subordination. Recovering this narrative is essential not only to rebuild the self-esteem and sense of belonging of the Afro-descendant population, but also to decolonize the curriculum and democratize historical knowledge. Thus, schools must be understood as spaces of resistance, memory, and reinvention, where educators assume the responsibility of fostering pedagogical experiences capable of conveying the dignity, beauty, and power of Black heritage, transforming classrooms and teachers' lounges into territories of identity affirmation and on the path toward building a truly plural, anti-racist, and emancipatory educational project.

Keywords: Black identity; Structural racism; Anti-racist education; Social memory; Curriculum decolonization

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a metáfora do “chá revelação negro na sala dos professores”, compreendida como um convite simbólico, político e pedagógico à valorização da identidade negra nos espaços escolares. O objetivo geral é analisar de que forma a escola pode se constituir em espaço de resistência e afirmação da negritude, promovendo práticas pedagógicas que enfrentem o racismo estrutural. Como objetivos específicos, busca-se compreender os desafios enfrentados por docentes afrodescendentes no processo de fortalecimento identitário, refletir sobre a invisibilização das memórias negras na cidade de São Paulo e destacar a centralidade da África na história da humanidade como elemento fundamental para a construção de currículos descolonizados.

A justificativa deste estudo reside na necessidade de enfrentar os apagamentos históricos e culturais que marcaram a formação do Brasil, expressos tanto nas políticas de embranquecimento quanto na exclusão da memória negra dos registros oficiais. Reconhece-se que, em um país historicamente atravessado pela escravidão e pela desigualdade racial, o ambiente escolar não é neutro, mas atravessado por práticas discriminatórias que exigem enfrentamento consciente.

O problema que orienta a pesquisa pode ser formulado da seguinte maneira: como a escola, enquanto espaço de socialização e produção de conhecimento, pode contribuir para a valorização da identidade negra e para a superação do racismo estrutural que ainda persiste nas práticas cotidianas?

Assim, este artigo propõe refletir sobre a importância de transformar a sala de aula e a sala dos professores em territórios de afirmação identitária, nos quais a educação seja compreendida não apenas como transmissão de conteúdos, mas como prática emancipadora, capaz de promover dignidade, pertencimento e reconhecimento histórico-social às novas gerações.

“UM CHÁ REVELAÇÃO NEGRO NA SALA DOS PROFESSORES”: REFLEXÕES SOBRE PERTENCIMENTO, DOR E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO ESCOLAR

REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta de se realizar um “chá revelação negro na sala dos professores” é mais do que uma imagem poética ou uma frase de efeito trata-se de uma provocação simbólica que mobiliza profundas reflexões políticas e pedagógicas. Ao ouvir essa expressão pela primeira vez, ela imediatamente se revelou como uma síntese poderosa de um desejo coletivo: o de tornar visível a presença negra nos espaços escolares, especialmente naqueles onde o poder simbólico da docência se estrutura a sala dos professores.

A metáfora, ao mesmo tempo delicada e contundente, sugere a urgência de revelar, reconhecer e valorizar a identidade negra em ambientes historicamente marcados pelo silenciamento e pelo apagamento das subjetividades afrodescendentes. Em um país como o Brasil, cuja formação histórica está alicerçada em políticas explícitas e sutis de embranquecimento, esse gesto simbólico ganha

dimensão de enfrentamento político. O apagamento da negritude, tanto no plano individual quanto no coletivo, se manifesta como parte de uma estrutura social mais ampla, que nega a legitimidade da existência negra em sua complexidade e riqueza.

A escola, como uma das principais instituições de socialização e de transmissão de valores sociais, não se isenta dessa lógica excluente. Ao contrário, ela frequentemente opera como um dos aparelhos ideológicos mais eficientes na reprodução das desigualdades raciais. Mesmo quando não intencional, a reprodução de práticas e discursos que invisibilizam a contribuição e a existência de professores e alunos negros está presente no cotidiano escolar. Isso se dá, por exemplo, por meio da ausência de representações positivas de sujeitos negros no material didático, pela naturalização de estereótipos raciais e pela falta de ações afirmativas dentro das próprias estruturas da gestão escolar.

Falar sobre a construção de uma escola antirracista, portanto, é necessariamente tratar de questões que tocam em feridas abertas sobretudo nas histórias de vida de professores e professoras negros que, em muitos casos, carregam tanto o peso do silenciamento quanto o legado de resistência de seus ancestrais. A dor, nesse contexto, não é apenas memória, mas experiência viva que se manifesta em olhares, gestos, hesitações e silêncios.

O processo de fortalecimento da identidade negra entre jovens e adolescentes também sofre impactos desse contexto estrutural. Não é raro que esse processo se desenvolva de maneira conflituosa e dolorosa. Afinal, se entre os próprios educadores há ainda medo, recusa ou resistência em lidar com sua história e identidade racial, como esperar que os estudantes consigam desenvolver um sentimento de pertencimento que lhes foi sistematicamente negado?

É justamente a partir dessa constatação que se apresenta um caminho pedagógico possível: assumir a escola como um espaço de elaboração da dor, de reconstrução da autoestima e de promoção do autocuidado. A sala de aula e a sala dos professores devem ser vistas como lugares de cura, de reexistência e de reconstrução simbólica. É nesse processo que a escola pode se tornar também um território fértil para a transmissão de experiências que transcendam os conteúdos curriculares tradicionais, oferecendo às novas gerações exemplos de dignidade, ancestralidade, beleza e resistência.

De acordo com o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), cerca de 56% da população brasileira se autodeclara preta ou parda. Esse dado, embora expressivo, ainda pode estar subestimado, considerando os impactos psicológicos e históricos da negação identitária vivida por muitos brasileiros. Como bem cita Sueli Carneiro:

"Em segundo lugar, a miscigenação tem constituído um instrumento eficaz de embranquecimento do país por meio da instituição de uma hierarquia cromática e de fenótipos que têm na base o negro retinto e no topo o "branco da terra", oferecendo aos intermediários o benefício simbólico de estar mais próximos do ideal humano, o branco"

Carneiro afirma que esse projeto de embranquecimento se concretiza não apenas biologicamente, mas simbolicamente, oferecendo a quem está em posições intermediárias o benefício de se sentir mais próximo do "ideal humano", ou seja, o branco europeu. Essa ideologia, enraizada na estrutura social brasileira, se manifesta de forma cotidiana nas relações escolares, impactando diretamente as expectativas, os afetos e o reconhecimento dos sujeitos negros em ambientes de aprendizagem. Além disso, a própria cidade de São Paulo, enquanto metrópole marcada por desigualdades raciais e sociais profundas, oferece exemplos claros do apagamento da presença negra. Bairros tradicionalmente associados à cultura negra, como o Bexiga, Liberdade, Barra Funda, Higienópolis e a região do atual Parque Dom Pedro, foram aos poucos esvaziados de sua memória afrodescendente em nome de projetos de modernização e urbanização excludentes. Essa invisibilização urbana dialoga diretamente com a invisibilização no espaço escolar, pois reforça a ausência de referências positivas da cultura e da história negra na formação dos estudantes.

Por fim, afirmar a necessidade de um "chá revelação negro" dentro da escola não deve ser visto como um gesto meramente simbólico ou festivo. É, acima de tudo, um chamado político e pedagógico. É o convite para educadores(as) reconhecerem sua identidade, para recontarem as histórias que foram silenciadas e para construírem um projeto de educação que inclua a memória coletiva, a resistência histórica e a reinvenção de um futuro mais justo e igualitário.

METODOLOGIA

Para investigar a potência da metáfora do "chá revelação negro" como proposta pedagógica e suas implicações no contexto da formação docente e do ambiente escolar, foi adotada uma abordagem metodológica de caráter qualitativo, fundamentada na escuta sensível e na análise interpretativa de narrativas orais. A escolha por essa perspectiva metodológica se justifica pela natureza do objeto de estudo, que envolve experiências subjetivas, vivências emocionais e relações de pertencimento racial que não podem ser plenamente capturadas por métodos quantitativos tradicionais.

A pesquisa foi realizada com base em rodas de conversa com professores(as) autodeclarados negros(as) atuantes na rede pública municipal de ensino da cidade de São Paulo. Os encontros ocorreram entre os meses de julho e setembro de 2025, em três escolas localizadas em diferentes regiões da cidade, abrangendo contextos socioeconômicos diversos. O critério de escolha das unidades escolares buscou contemplar tanto escolas situadas em territórios historicamente negros quanto aquelas inseridas em regiões marcadas por processos de embranquecimento urbano.

As rodas de conversa foram organizadas de forma dialógica e circular, inspiradas na metodologia freiriana de educação popular, que valoriza o saber da experiência e a construção coletiva do conhecimento. Nesses espaços, os professores foram convidados a compartilhar suas trajetórias pessoais, as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar, as estratégias de enfrentamento ao racismo institucional e, sobretudo, suas percepções sobre a importância da valorização da identidade negra no ambiente escolar.

As conversas foram gravadas (mediante autorização prévia dos participantes), transcritas integralmente e analisadas com base em categorias emergentes. Entre os principais eixos de análise, destacam-se: a dor do silenciamento, o desejo de pertencimento, o racismo institucional, as estratégias de resistência e a afetividade como ferramenta pedagógica. A escuta dos relatos privilegiou não apenas o conteúdo verbal, mas também aspectos não-verbais como pausas, entonações e expressões emocionais, que ajudam a compreender o impacto subjetivo das experiências relatadas.

Além das rodas de conversa, foram realizadas observações participantes no interior das escolas, com atenção especial para a dinâmica da sala dos professores e para os momentos de formação continuada. Essas observações permitiram identificar a presença (ou ausência) de discussões sobre relações étnico-raciais no cotidiano pedagógico, bem como mapear atitudes institucionais frente a episódios de discriminação.

A triangulação entre os dados obtidos nas falas dos docentes, nas observações em campo e na literatura acadêmica permitiu a construção de uma análise crítica sobre o papel da escola como espaço de reprodução ou de transformação das hierarquias raciais. O “chá revelação negro”, neste contexto, é compreendido como um símbolo de ruptura com a lógica do silêncio e da exclusão, propondo uma nova forma de estar e ser na escola mais consciente, mais afetiva e mais comprometida com a justiça racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou, com clareza e sensibilidade, que a escola não apenas pode, mas deve se constituir como um espaço legítimo e necessário para a afirmação da identidade negra e para a resistência ativa ao racismo estrutural que atravessa historicamente a sociedade brasileira. Nesse contexto, comprehende-se que o ambiente escolar ocupa um lugar estratégico e de grande relevância na promoção da valorização da negritude, contribuindo significativamente para a construção de sujeitos conscientes de sua história, cultura e pertencimento étnico-racial.

A questão norteadora da pesquisa “como a escola pode contribuir para a valorização da identidade negra e a superação das práticas discriminatórias?” foi amplamente contemplada ao longo das análises realizadas. Os dados e reflexões indicam que o fortalecimento identitário de estudantes e educadores negros não é um processo natural ou espontâneo, tampouco ocorre de forma isolada. Pelo contrário, trata-se de um movimento intencional, que exige a implementação de estratégias pedagógicas consistentes, pautadas no compromisso ético-político com a equidade racial.

Essas estratégias envolvem, entre outros aspectos, o estímulo ao autoconhecimento, à escuta ativa das memórias individuais e coletivas, e ao reconhecimento da trajetória histórica e cultural do povo negro como parte constitutiva da identidade brasileira. São ações que demandam formação crítica dos docentes, abertura institucional ao diálogo racial e o enfrentamento de práticas de exclusão historicamente normalizadas dentro do espaço escolar.

Além disso, o estudo revela que os processos de apagamento da população negra não se restringem ao âmbito escolar. A análise demonstrou que bairros paulistanos com forte presença histórica de comunidades negras, como Liberdade, Bixiga, Barra Funda e Higienópolis, sofreram e ainda sofrem processos sistemáticos de invisibilização. Essa realidade urbana reflete e reforça a lógica do apagamento simbólico vivenciado também dentro das escolas, evidenciando a urgência de descolonizar os currículos, reformular os referenciais pedagógicos e resgatar as narrativas africanas e afro-brasileiras como elementos centrais da educação.

Dessa forma, este artigo contribui de maneira efetiva para reafirmar que a implementação de práticas antirracistas no cotidiano escolar não deve ser entendida como uma ação meramente simbólica ou pontual, mas como uma proposta pedagógica profundamente transformadora. Tais práticas, quando assumidas de forma comprometida, possibilitam a construção de um ambiente educativo mais justo, equitativo e acolhedor, no qual o pertencimento, a dignidade e a justiça social se tornam reais e concretos para todos os sujeitos envolvidos no processo educacional.

Por fim, este trabalho oferece subsídios teóricos e caminhos práticos que podem ser apropriados por educadores, gestores e demais profissionais da educação que desejam atuar de forma propositiva na superação do racismo e na valorização das identidades negras no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli.** *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- GOMES, Nilma Lino.** *Educação e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- GONZALEZ, Lélia.** *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. São Paulo: UCPA; Fundação Rosa Luxemburgo, 2018.
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022: características da população e dos domicílios. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 01 out. 2025.
- MOURA, Clóvis.** *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 5. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.
- MUNANGA, Kabengele.** *Redisputando a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RIBEIRO, Djamila.** *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

